

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
DE CENSURA

VIMARANENSES! É hoje que no Campo da Ponte, em Braga, o nosso glorioso Vitória Sport Club derime forças com o seu velho e valoroso adversário Sporting Club de Braga, para disputa do título máximo do Futebol Distrital. Cumpra a todos os filhos desta terra que a Braga se desloquem dispensar caloroso incentivo aos seus representantes, ajudando-os assim a vencer na peleja que vão ferir—peleja que tudo faz prever será rude e ardorosa. Que a alma vimaranense vibre de intenso entusiasmo, porque aos nossos rapazes não falta valor para uma vez mais fazer tremular ao vento da Vitória o pendão do seu e nosso querido Club. **Pelo VITÓRIA! Por GUIMARÃIS!**

Sobre os Paços dos Duques de Bragança

Pois lá vai, senhor autor incógnito da localzinha do «Notícias» que me chama à barra, lá vai, em letra de fôrma, o pobre esboço de um «Museu de História Nacional» que, em corrida palestra, delinee há tempos e se destinava a esquecer como tódas as coisas inúteis que se dizem.

Lá vai.
Abro pela profissão de humildade. Já para resguardo do oúso de invadir o domínio subtil das artes, antigualhas e architecturas—domínio onde provavelmente sou leigo, já porque o esboço que V. me atribue não é senão o ponto sem valia que o narrador sempre acrescenta ao conto que lhe contaram.

Segue portanto o «conto»; depois o «ponto» acrescentado; e, por fim, umas notas à margem dos museus e seu valor artístico e educativo.

O conto que lhe repeti foi este:
No extinto jornal «Ecos de Guimarães» o falecido engenheiro Eleutério da Fonseca, escrevendo sobre a reconstrução dos Paços dos Duques de Bragança, lembrava que neles se instalasse o «Templo da Nacionalidade Portuguesa» — templo que, em miúdos, seria um museu recolhido em quatro salas: na primeira, os troféus da Fundação; na segunda, os do perfeito alicerçamento de Portugal, com o Mestre; na terceira, os da Restauração; na quarta, finalmente, as relíquias das Invasões. Adicionava-se ao museu uma biblioteca histórica para manejo de estudiosos.

Assim surgiam de novo para a vida os Paços dos Duques. Foi isto em 3 de Fevereiro de 1918. Antes ou mais tarde, outros, como o também falecido Padre Roriz, e o ilustre crítico de arte José Agostinho versaram o mesmo tema. Mas depois o silêncio caiu de novo sobre os antigos Paços — e em campo ficou apenas o Tempo a ruir com dente daninho e pertinaz as grandes pedras seculares.

Como a miúdo sucede por aí...

Agora o «ponto» que lhe acrescentei:
O museu seria um «Museu de História Nacional». Não tanto um ficheiro frio, inarticulado, de curiosidades artísticas, como a panorâmica dos oito séculos da vida portuguesa.

Nada de vitrines; nada de ricas vestimentas dobradas, brunidas, etiquetadas; nada de montantes caídos do braço que os empunhou, como folhas mortas e inúteis; nada de arnezes vãos, nem de olarias em prateleiras, nem de côches aos cantos, nem de panópias tartarinescas. Ao contrário: pedaços inteiros do passado com seus figurantes, suas paixões, seu ambiente; instantâneos dos momentos épicos e do labor anónimo dos humildes; o cortejo dos que viveram e lutaram e sofreram para traz de nós.

Aqui, Mestre, reunido em casa de Alvaro Pais; além, o Condestável, orando em Atoleiros entre dois penedos; mais longe o Camorim recebendo o Gama, ofuscando-o com sédas e pedrarias; à direita um lar de pescadores em Quatrocentos; depois Alcácer, o moço e desvairado rei, coberto de sangue, fendendo, como cunha de aço, a selva dos alfanges iníteis... Tudo com vida; articulado; dinâmico; sugestivo; real.

Figuras de cera; manequins de pasta; pinturas; mármore; interiores.

Entrava-se por uma porta, saía-se por outra e tinha-se vivido um sonho: o sonho grandioso de oito séculos de história.

Figuras hirtas pelos cantos, representando os vultos culminantes do passado, como lembrava Eleutério da Fonseca — era alguma coisa, mas era pouco: porque era frio, insugestivo, convencional.

Finalmente as notas à margem dos museus e seu valor artístico e educativo:

Eu não ignoro as objecções e os contras. Não se iludam os proficientes críticos — neste pobre país só há críticos... — que já vejo afiarem para mim o dentinho branco. Sei muito bem que, para fazer um museu-panorâmico, se tem de profanar a santidade das relíquias, se tem de amalgamar o antigo-autêntico e o antigo-contrafacção, a preciosidade e a quinquilharia — qualquer coisa tão chocante para o esteta como um delicado vaso de Cellini, com cravos de papel.

Sei muito bem que os Paços dos Duques tem um estilo próprio e que colocar lá dentro a par do gótico-normando o interior manuelino, o boudoir Dom João V, a choupana cabaneira do servo do século XII — mesmo sem ferir o edifício o que julgo possível — é talvez, repito, para o esteta, um crime de lesa-arte.

Mas sei também que para o mesmíssimo esteta o museu seja ele qual fôr e como fôr, instalado nos silenciosos paços dos velhos Duques é sempre um crime: fere sempre, com suas vitrines, sua simetria, suas etiquetas de bric-a-brac, a pura sensibilidade que ali buscava, na imobilidade e no vazio

Críticas Pequenas

Quem houvesse passado, há semanas, junto do Monumento de João Franco e visse entrar para o Palacete bem vizinho um Vulto de Recatada Modéstia, não poderia divisar nele o Autor dos Desvalios dum plagiário.

A Acentuada Delicadeza das Maneiras do Homem e a Rija Mordacidade das Fôlhas do Livro são mais um surpreendente paradoxo como tantos que se nos oferecem neste decorrer da Vida.

Trata-se de um largo tômo de 96 páginas, editado em 1934, em Lisboa, em que um trabalho de Medicina Legal do Doutor Asdrúbal de Aguiar sofre uma larga autópsia do Sr. Dr. Arlindo Monteiro, juntando a outras ligeiras mas amargas referências a sua crítica formidável de Erudito e de Escritor.

A sua dissertação *Amor Sáffico e Sócrático* (1922) é um grosso volume que nos revela investigação ultra-beneditina, documentação cerrada, leitura vastíssima. Asdrúbal de Aguiar, o Lente visado, não teve pejo ou sagacidade bastante para evitar plágios flagrantíssimos feitos nesse colosso de erudição.

Arlindo Monteiro arremessa — lhe o bisturi da sua pena modelar onde há o acerado da ironia de Agostinho de Campos e a elevação da vernaculidade de Ricardo Jorge.

Positivamente estamos em presença de um valente Prosador de Escol que maneja a

sátira como Hércules manejava a clava.

O ridículo é a terrível arma que deixa a escorrer sangue o mísero Catedrático.

6.

Gazetilha

Causou-me cá certa moessa, é motivo para estudo o ver ainda a *carroça* que foi motivo de troça mesmo para o mais sisudo.

Para mim, foi decepção, e de forma alguma o nego, vê-la ir para a estação. Não houve arrematação? — Certamente deu em prego.

Pois eu li um certo aviso estampado nas gazetas que dizia ser preciso cessar o toque do *guiso*. Mas, afinal, tudo trêtas.

Era mesmo muita sorte para quem a tem tirana. Tudo que nasce, tem morte, mas jamais sentirá corte a tam réles traquitãça.

Mas de uma, a melhor graça, foi uma *prosa de rêsca* que da ideia não me passa por conter certa chalaça de quem *não mata uma môsca*.

Mas espera com vagar, a impaciência não arroches, pois a *jôia* há-de ir parar, espera só por lugar, ao nosso Museu dos Coches.

E' muito velha a piada, já tem barbas a arrastar de tanto estar estafada; mas foi muito bem achada quando há muito a ouvi contar.

Camara Dão.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever dos vimaranenses.

das grandes salas, a evocação de um passado morto; destrói sempre pela dispersiva chamada a mil pequenas e estranhas realidades a abstracção e o sonho.

De sorte que: ou os Paços se reconstruem e ficam vãos ou, se é possível, mobilados como o eram — e temos a solução esteticamente ideal; ou se destinam a qualquer coisa e temos soluções sempre esteticamente imperfeitas.

E por outro lado sei ainda que o público não é feito de estetas; que além do aspecto estético se impõe, nesta questão, o aspecto educativo; e que os estetas e os eruditos não contam quando se trata de educar, já porque tudo sabem, já porque nada aprendem.

Ora o povo — o bom povo simples, de olhos labregos e alma pronta a vibrar — que entreasse no «Templo da Nacionalidade» e topasse um museu como tantíssimos que há por esse Portugal, o que faria?

V. não o sabe?! Eu digo-lhe: o que faz um boi diante dum palácio.

Não duvide. Precisamente o mesmo. Algum mais esperto poderia, quando muito, julgar-se num bazar de feira, ou num leilão. Outro ficaria sabendo que houve uns hominheiros, chamados Duques, que viviam num casão e tinham pratas e espadas em barda...

E nada mais. Resultado educativo, nulo; nulíssimo.

Conclusão: se fazemos o museu cometeremos um pecado artístico, mas pecado ligeiro, venial. Se o museu fôr apenas um depósito o pecado é dobrado, porque é inútil; se fôr a evocação sugestiva da passada grandeza, o pecado mingua, perdoa-se, porque é benéfico.

E aqui tem, meu anónimo amigo, o que eu lhe disse, pensava e penso sobre um futuro museu a instalar nos Paços dos Duques de Bragança, ali acima, junto ao Castelo do Fundador, tudo em moldura agreste e penedosa, como singela corôa desta velha cidade, cabeça altiva do Portugal de antanho.

Guimarães, 2 — Novembro — 1937.

Fernando Ayres.

Dr. GUILHERMINO RODRIGUES

A Redacção do «Notícias de Guimarães» vem prestar rendida homenagem de afecto e de saudade ao Sr. Dr. Guilhermino Rodrigues no dia do seu aniversário natalício. Tínhamos projectado organizá-la de modo a corresponder ao nosso intento. Mas, contávamos que ele neste dia se encontrasse ainda em Guimarães, visto nos ter neste verão dado a honra da sua



Dr. Guilhermino Rodrigues

visita. A sua partida para Lisboa veio tolher-nos o nosso desejo. Não queremos, porém, deixar passar este dia sem lhe manifestarmos o nosso apreço. E, julgamos que a melhor maneira de o fazer, é pedirmos-lhe que volte breve a entre nós, que tanto o estimamos e tanto bem lhe queremos.

Recebemos, agora mesmo, neste sentido, uma carta de incitamento do nosso ilustre colaborador e Amigo sr. Dr. Eduardo Almeida, que passamos a publicar, mesmo sem a sua autorização:

Meu caro Antonino:

Perdoe-me mais esta impertinência, mas sei que vai agradar ao seu coração de bom vimaranense. São tardas horas da noite, e hoje sinto-me, por malogrado acaso, bem exausto. Alguma coisa, porém, me retinha suspenso o coração antes de me ir deitar. Esse alguma coisa é o lembrar-me de que, no próximo domingo faz anos o nosso bom amigo Dr. Guilhermino Rodrigues. Seria meu intenso desejo que o seu jornal, que tão denodadamente defende a honra e brio da terra e gente de Guimarães, prestasse a homenagem devida a quem, não sendo filho de Guimarães, é sem dúvida, com direito de cidade, vimaranense ilustre pelos serviços que prestou à nossa Terra e porque dela fez berço de seus filhos, nossos ilustres conterrâneos.

Sei que as minhas palavras, na balbúrdia confusa do elogio e da maldicência contumazes em pequeninos meios, despaldeceriam essa homenagem. Todavia, não é a profunda amizade, a nobre camaradagem, a leal convivência que com ele tenho tido, de há muitos anos, que governa o meu sentimento, sempre indomável ao tributo, que não seja merecido e a gratidão que não seja de render-se. Bem pelo contrário. Conheci Guilhermino Rodrigues, mal saído de Lisboa, de barbas arriçadas, quando em Guimarães era Veterinário e... um dos melhores elementos desse saudoso grupo do Padre Araújo Mota!

Com que saudades não lembro esse esvoaçar de alta espiritualidade que tão famoso grupo deu a Guimarães de então...

E, ao contrário do que poderia pensar-se, os boémios devaneadores, que dedicavam suas horas de lazer a crispacões artísticas, eram todos, na verdade, perfeitos homens de bem, trabalhadores e exactamente honestos no preciso cumprimento dos seus deveres. Entre eles, Guilhermino Rodrigues, noctívago, quasi sonâmbulo, prometendo já aquela heróica mocidade florentina que tanto havia, ao depois, de cativar-nos, era intransigentemente rigoroso, sem escusadas violências, como sem sombra de suspeita, na fiscalização dos serviços

que estavam a seu cargo — e sem desdouro para ninguém pode-se ainda hoje afirmar que, em tal sentido, sua acção seria igualada, mas ainda não foi excedida.

Conheci Guilhermino Rodrigues, então mais de perto, quando, numa hora verdadeiramente ingrata neste meio e pelas condições e circunstâncias do tempo, teve de exercer o lugar de Administrador do Concelho. Não tenho pejo, como não tenho receio, de afirmar que soube e quis exercer esse lugar sem a abdicação do seu credo, sem transigências de qualquer natureza, com o mais honrado apurmo, mas também com a mais subida lealdade, e com o mais formoso e abnegado carinho. Só ele sabe os sobressaltos do coração que teve então de passar por causa dos seus peores inimigos... daqueles que ainda hoje nos não perdoam.

Conheci e convivi com Guilhermino Rodrigues, como Contador do Juízo de Direito desta Comarca — eu, que conhecera a exercer esse lugar o saudoso e honrado Doutor Portugal. Todos nós, homens de fôr, como toda a gente que tem de haver trato com negócios forenses, sabe a correcção, o apurmo, a exactidão, a probidade modelar com que ele exerceu esse cargo, mais espinhoso e difícil do que ordinariamente se pensa. Eu não entro no Tribunal que o não lembre num austo de saudade; eu não posso sentar-me à banca dos advogados que não olhe para a porta, por onde ele costumava vir, senão à espera de o ver entrar ainda; e não pego em processo contado, que não esteja a ver se torno a descobrir os seus algarismos e a sua assinatura.

Mas tudo isto, meu caro Antonino, são apenas impressões do homem público. Que do homem-homem, ou seja do perfeito cidadão — carácter da mais nobre e rija ténpera, da mais absoluta e confiante lealdade, do mais puro cavalheirismo —; do extremoso pai de família, que tão abnegadamente viveu, lutou, se sacrificou e venceu em seus filhos; do amigo lano e franco, daquela boa franqueza transmontana que dá exemplo a exemplos; e do inegalável companheiro que sabia com um sorriso, como uma palavra sa ou com o seu tão íntimo, profundo e perturbante sentimento de Artista musical, adotar as horas acres de amargura ou espiritualizar as horas perdidas de sonho, desse, meu caro Antonino, não lhe poderei eu falar, senão com mais largueza de tempo e para mim mais propriedade de ocasião.

Tenha por certo que a homenagem que devíamos prestar, nós homens de Guimarães, não nos esquece nem ficará perdida. Guilhermino Rodrigues, que se tornou vimaranense pelo coração, deve ter marcado e marcou seguramente, a sua passagem entre nós no coração dos vimaranenses.

Neste momento, como lhe digo, cansado e a horas tardas, no silêncio do meu escritório, tendo de me levantar cedo, eu vou, para ver se me embalo no sono difícil de concluir, evocar em meu espírito como uma balada em que eu visse arpear esses últimos sobreviventes da Arte da Música e da Serenata de Câmara que tanto transformaram a alma bisonha da nossa terra — O Guilhermino, O José Roriz, e ao longe O Sequeira... e já nem me lembro bem dos outros.

Não se esqueça, meu caro Antonino, de marcar no «Notícias» a passagem deste dia.

Seu dedicado

5-Novembro-1937

Eduardo d'Almeida.

GABARDINE
«E'AGLE»

(Registado)

É a GABARDINE que ocupa em Portugal o primeiro lugar pela sua impermeabilidade, resistência e garantia de cores. Confecção rigorosamente perfeita.

A venda na Loja das Camisas (Junto ao Café Oriental) e Camisaria Martins a Onda das Melas.

Paulino de Magalhães participa aos ex.^{mos} fregueses que acaba de receber as mais modernas fazendas de lã para casacos e vestidos em tôdas as côres da moda, veludos, peluches e peles para guarnição desde 6\$00, assim como um grande e variado sortido em malhas para homem, senhora e criança, modelos exclusivos; lãs em fio «Bem-me-queres» e «Frasquita» e outras qualidades. Também tem variado sortido em chales, lenços de malha, cobertores de lã e algodão, meias e peúgas de lã e muitos outros artigos para a estação de inverno.

Agradece ver o seu sortido e preços.

SEMPRE NOVIDADES.

TELEFONE 230

GUIMARÃIS

Praça D. Afonso Henriques
— Junto à Igreja de S. Pedro —

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes e os manifestos

Vimos, na imprensa diária, o apelo aos viticultores da região demarcada, que é composta por 45 concelhos, para que, em conformidade com o Decreto n.º 16.684, de 22 de Março de 1929, e mais legislação, em vigor, eles manifestem, até 10 de Novembro próximo, a produção de vinhos, tintos e brancos, e que pagariam, um escudo, por hectolitro, pelo vinho destinado à venda. Muito bem.

Pedimos licença para discordar da exigência dos cinco escudos por cada 500 litros, ou seja um casco, uma vez que a produção é abundante e não escassa, salvo em poucas localidades onde houve descuido na aplicação dos tratamentos cupricos.

Pela mesma razão, mais de uma vez, nestas colunas se tem censurado a cobrança de 5\$00, na colheita de 1937, erradamente considerada escassa pela Comissão de Viticultura, quando a produção do vinho tinto foi 100 % superior à de 1935, em que apenas se levou 2\$50 pelos 500 litros.

A lavoura já de si sacrificada, não pode estar sujeita a estes erros de cálculo, demais, o seu último relatório apresenta um saldo a favor de 700 e tantos contos!

Têm em perspectiva alargar a sua esfera de acção, até ao presente tão restrita, como seja procurar novos mercados para os vinhos, no País, Império Colonial ou Brasil?

Sendo assim, está bem. A Federação dos Viticultores do Centro e Sul de Portugal, Casa do Douro e Federação Nacional de Produtos do Trigo, organismos utilíssimos para os lavradores das respectivas regiões, contribuem das suas receitas para a fundação e fundos de Casas do Povo, Assistência Pública, Combate ao Desemprego, Fundação Nacional Alegria no Trabalho, etc.

Contribuirá a Comissão de Viticultura para os mesmos fins?

Duvidamos, porque, se o fizesse, essa acção não deveria exercer a ocultamente.

Assuntos de menos importância os trazem a público, como apreensões, colheitas de amostras, saldas de vinhos, extractos do «Caixa».

Para conhecimento dos nossos leitores damos, a seguir, a relação das produções totais do vinho verde nos três últimos anos, que foram respectivamente:

1934 (pagou-se 2\$50) — Vinho tinto, 149.585.436 litros; Vinho branco, 8.487.500 litros/1935 (pagou-se 2\$50) — Vinho tinto, 36.588.916; Vinho branco, 3.875.165. 1936 (pagou-se 5\$00) — Vinho tinto, 78.391.739; Vinho branco, 4.816.816.754.

Estes elementos foram-nos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

(De «A Voz de Fafe».)

ATLAS

O calçado elegante preferido pelas senhoras elegantes.

(462)

Depósito em Guimarães
Rua da República, 77-79

LEILÃO

No dia 7 de Novembro, a partir das 10 horas da manhã, realizar-se-á a venda em leilão de todo o recheio da residência do sr. Joaquim Penaforte Lisboa, no antigo Largo dos Trigueiros — hoje Rua 31 de Janeiro, — em virtude da sua próxima retirada desta cidade.

Venda sem reserva de preço.

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

A solenização da posse de um D. Prior

«D. Domingos de Portugal e Gama, era filho de D. Luís Maria Saldanha de Portugal da Gama, comendador de Santa Maria de Cacela, da Ordem de S. Tiago, coronel do Regimento da Praça de Setúbal e brigadeiro dos Exércitos de el-rei D. João V, irmão do Morgado de Oliveira, e de D. Inácia de Rohan, dama da rainha D. Maria Ana de Áustria, esposa de aquêle rei, filha de D. Rodrigo José da Câmara (ou D. José Rodrigo da Câmara), 2.º conde da Ribeira Grande, Gentil Homem da Câmara do infante D. Francisco, Deputado da Junta dos Três Estados e Presidente do Senado da Câmara e da condessa D. Constança Emilia de Rohan, filha do Príncipe Francisco de Saxe-Albany.



A BRASILEIRA
Casa especial de café do Brasil e Pastelaria
61, Rua de Sá da Bandeira, 91
Telefones 379 e 405
PORTO
Vende-o em Guimarães:
Francisco Joaquim de Freitas & Genro
Praça D. Afonso Henriques, 70

Carta da Beira-Mar...

Farrapos da vida!...

Bateram à porta em dia festivo duas crianças loiras como o trigo e brancas como o luar.

Em cânticos dolentes que me despertaram no fundo da alma a compaixão, pediam delicadamente uma esmola.

Fui-lhes ao encontro. Rótos, sem bonets, cabelos grandes, descalços e esfomeados, rogavam com sinceridade própria dum coração sem artifícios, uma codea de pão!

Conversei com eles durante alguns minutos. Preguntei-lhes donde eram.

Cabisbaixos e tristes como Madalena aos pés de Cristo, somente me responderam serem de muito longe. Não insisti...

O acanhamento próprio da sua situação desgraçada, dominava-os por completo.

Que fariam então a estas horas, distantes do seu beiral que talvez outrora tivesse sido quente e acolhedor, branco de neve espargido da sua modesta chaminé o fumo tão indicador das ceias campezinhas?

Instados, contaram tudo.

Seus pais, diárinamente desavindos, haviam-nos abandonado.

Fugira cada um para o seu lado. Nunca mais dêles tiveram notícias e assim ficaram entregues à caridade, sem eira nem beira, sem um teto onde passarem a noite, sem alimento que lhes mitigasse a fome.

Ah! como para mim foi cruel esta notícia!

Como de asco se encheram os sentidos e como revoltado fiquei contra tais pais!

Naquelles rostos macerados e torturados pela dor, pude compreender a sua incomensurável infelicidade!

Abalaram. Mas, no meu peito para sempre se gravou, a recordação horrível e macabra dum quadro verdadeiramente angustioso mas simultaneamente autêntico.

Ante meus olhos prepassaram como setas venenosas, êsses alongados espinhos que tam deshumanamente feriram aquêles dois corações tam teiros para sofrer, cheios de fome e a tirarem de frio, de melancolia e de desdita sorte, enquanto nas praças públicas, tanta gente por eles passava, sem lhes lançar um olhar mitigador, desprezando-os e quem sabe até se os maltratando!...

Era dia da Senhora da Saúde.

As músicas ensaiavam alguns acordes.

Os foguetes retiniam subindo ao ar garbosamente. As toilets multicores exibiam-se descaradamente...

Mas êsses infelizes, a quem a fatalidade arremessou para a vala do irreconhecível, caminhavam indiferentes a tôdas as vaidades humanas, enquanto se preparavam para completar a longa jornada da sua Vida — o seu Calvário, expiando, inocentemente o hediondo crime de seus pais...

Já na multidão os não distingo!

Lá vão serra acima, esmolando aqui, dormindo ali! Subindo serras, descendo desfiladeiros.

E' tudo por amor de Deus e culpa dos seus progenitores...

Deus se compadeça dêles e os guie para o caminho da salvação.

E' assim a vida! Riem-se uns para chorarem outros, impão de ricos uns para outros morrerem na miséria.

Dia de festa! Mas festa com quadros desta ordem, é melhor vivermos sempre contemplando a chaga cada vez maior dêste mundo que tantos adoram!...

Espôzende, Setembro de 1937.

Domingos Gomes.

ATELIER DE VESTIDOS E CHAPEUS

DE

Armanda da Fonseca

Rua da República, 91 -- GUIMARÃIS

Onde se confeccionam as mais lindas toillettes para a presente estação, com brevidade e economia.

Em chapéus, últimos modelos

A MODERNA

Lima, David & C.^a, L.^{da}

14, Rua de Paio Galvão, 16

Esta casa apresenta o mais completo sortido de todos os artigos indispensáveis a uma senhora chic, moderna e elegante.

Peles, malhas, fazendas de casaços e vestidos, perfumarias, meias, luvas, bolsas, tecidos de roupa interior, camisolas e çulotes, combinações, sedas, etc., etc.

OS MELHORES PREÇOS. SEMPRE NOVIDADES

LAVRADORES!
ESTAMOS NA ÉPOCA DAS SEMEITEIRAS
(TRIGO, CENTEIO, ETC.)

Quereis obter boas colheitas? Adubai com **CAL AZOTADA (Cianamida)**, **FOSFATO TOMAZ** e outros adubos que vos fornecem as acriditadas casas

ABECASSIS (IRMÃOS) BUZAGLOS & C.^a
P. do Município, 32-2.º R. 31 de Janeiro, 15-2.º
LISBOA PORTO

AGENTE EM GUIMARÃIS: J. P. DE FIGUEIREDO
— PRAÇA DO MERCADO —

Underwood



Cinco milhões de máquinas de escrever em uso no mundo inteiro.

A Fábrica UNDERWOOD é a maior fábrica de máquinas de escrever do mundo.

O que cinco milhões de clientes acharam bom, deve merecer a atenção daqueles que pretendam adquirir uma máquina de escrever, pois está comprovada a superioridade da UNDERWOOD sobre qualquer outra marca.

== VENDAS A PRESTAÇÕES MENSAIS ==

Agente em Guimarães: GOMES ALVES.

Do casamento de seus pais nasceram mais 11 filhos, sendo este D. Prior o quarto génito, nascido em 27 de Abril de 1726.

Os seus primeiros três irmãos foram: 1.º D. Bernardo de Portugal, nascido em 18 de Dezembro de 1720 e falecido de quase um ano de idade em 29 de Novembro de 1721; 2.º D. Constança nascida em igual data do ano seguinte (29-11-1722) que casou em 8 de Maio de 1736 com António de Saldanha Oliveira Zuzarte Figueira e Sousa, 15.º Morgado de Oliveira, seu primo; 3.º D. José Francisco de Portugal, que nasceu em Novembro de 1723 e foi o 2.º conde de Lumiar.

Aquele Morgado de Oliveira, casando, houve um filho, José Vicente de Saldanha e Oliveira Zuzarte Figueira e Sousa que foi o 16.º morgado de Oliveira e de Vale de Sobrados de Barcarena e da Azinhaga, tendo nascido em 22 de Maio de 1745 e falecido em 26 de Janeiro de 1804, e que casara em 1774 com D. Maria Amália de Carvalho e Daun, filha dos 1.ºs marqueses de Pombal, sendo Grã-Cruz da Ord. de

Cristo e comendador de Azamor no Patriarcado de Santa Maria de África, de S. Martinho de Sautarém, de Santa Maria da Torre, da Prelazia de Tomar, (estas comendas também da Ord. de Cristo) deputado da Junta Provisória do Erário Régio, Inspector Geral do Terreiro Público e Gentil Homem da Câmara da Rainha D. Maria I e 1.º Conde de Rio Maior de quem era irmão D. Luís de Saldanha que sucedeu a D. Domingos de Portugal da Gama, no Priorado da colegiada.

Este D. Prior tomou posse em Maio de 1770 pelo seu bastante procurador, o seu sobrinho referido D. Luís Saldanha, tendo o agraciado recebido a instituição canónica desta dignidade do Arcebispo de Braga D. Gaspar, filho bastardo, embora legitimado, do nosso rei D. João V e da freira D. Madalena Máxima da Silva Miranda, conhecida na História por um dos meunheiros de Palhavã, tendo sido sagrado, no palácio da mesma quinta, prelado da dita arquidiocese, por D. José Dantas arcebispo titular de Lacedemônia e D. António Caetano, bispo efectivo de Angra

do Heroísmo, nos Açores e D. Frei Eugénio bispo de Macau, religioso arábido.

Aquêle monarca, quando em 1742 se encontrava nas Caldas da Rainha, onde fora buscar alívio a sua saúde declarou em um dos momentos de maior aflição, que tinha três filhos ilegítimos «de mulheres limpas» de todo o sangue maculado. O primeiro era D. António, o segundo D. Gaspar que na pia baptismal recebeu o nome de Manuel e o terceiro D. José, tendo entregado a educação dos três a Frei Gaspar da Encarnação, Reformador dos Cônegos Regulares, no que se houve com muito zelo e cuidado «pelo que tenho muito que me agrada e agradecer», disse o dito monarca naquela ocasião.

Mas continuemos. D. Domingos de Portugal e Gama fez a sua entrada solene em Guimarães pelas 4 horas da tarde do dia 22 de Junho de 1798, sendo aguardado pelo clero, nobreza e povo da terra e muitos religiosos dos conventos locais. Acompanhavam-no desde Lisboa, numerosos fidalgos, e nobres da mais alta gerarquia, entre

êles seus sobrinhos D. João de Saldanha de Oliveira e Sousa, morgado de Oliveira, gentil-homem da Câmara do rei D. Pedro III e D. Luísa de Saldanha de Oliveira, que foi tesoureiro-mor e seu substituto no Priorado, os quais se hospedaram no palacete do arcebispo de Braga D. José que o havia mandado construir no antigo Largo da Misericórdia, para sua residência, quando de Braga foi para Guimarães, ali residindo desde 1746 a 1749 por determinação régia.

Durante o tempo que não veio a Guimarães era seu substituto aquêle seu sobrinho D. Luís Saldanha, acima referido.

Parece que era doente, pois sabe-se que de Lisboa onde então era cônego da Sé Patriarcal fóra para Évora, a fim de mudar de ares. Pertencia ao Conselho de S. Magestade.

A sua entrada em Guimarães teve foros de extraordinária solenização e manifestações de regosio geral. Houve luminárias, em toda a cidade, «Te-Deum», com toda a pompa, executados, por cantores seleccionados, na Igreja

de N. S. da Oliveira e num dos três dias, que duraram tais demonstrações de júbilo, realizou-se uma Academia, a qual passaram a transcrever «ipsa verba», do Livro 1132 da «Miscelânea Manuscrita», arq. na Torre do Tombo, e que julgamos inédita a qual diz assim:

Academia vimaranense que se celebrou na posse do Ex.^{mo} Senr D. Domingos de Portugal e Gama, D. Prior da Rel e Insigne Colegiada de N. S. da Oliveira.

Assuntos

«Quoal exalta mais a S. Excelencia, se o seu elevado nascim.^{to} se o seu destino agrado

1.º Assumpto heroico

A nomeação q. S. Mag.^{de} Fidelissima fez de S. Ex.^{cia} p.^a D. Prior de Guimarães e o acreditou merecedor das maiores dignidades

(Continúa)

P.^a Alberto Gonçalves.

Lêdo e propagal o «Notícias de Guimarães»

ALFAITARIA E FAZENDAS Cargo de RIBEIRO, FILHO João Franco Telefone 177

Aviso os meus estimados clientes e amigos, e em geral a todas as pessoas ciosas de vestir bem, que já recebi o sortido de novidades para a estação de inverno. Como sempre só apresento qualidades finas e em absoluto garantidas.

PREÇOS, OS MAIS LIMITADOS DO MERCADO.

DESPORTO

Campeonato Distrital

Calendário de Jogos

Domingo, 31

Em Guimarães:		
Vitória Sport Club vence o Sporting de Fafe por	5-0	
Em Fafe:		
Sporting de Braga vence o F. C. de Fafe por	5-1	
Em Famalicão:		
Gil Vicente vence o F. C. de Famalicão por	6-0	

Classificação

	Pontos
Vitória Sport Club	12
Sporting de Braga	12
Sporting Club de Fafe	8 (*)
Foot-Ball Club de Fafe	6
Gil Vicente	6 (*)
Foot-Ball Club de Famalicão	4

(*) A homologação do encontro entre estes dois grupos está dependente do julgamento da reclamação apresentada à A. F. B. pelo Gil Vicente.

I

Um triunfo memorável do Vitória. Sporting-Fafe, 0. Vitória, 5.

Escreveramos, no número passado, com o desassombro e sinceridade que pomos nestas crónicas — como, aliás, em tudo o mais — que eramos deliberadamente pela vitória do Vitória. Os factos — felizmente! — inteiramente e abundantemente confirmaram o que aventuramos.

Não erramos, até ao presente, um único prognóstico. Dizem-no, não por tã inodócia (a fingida modestia, afinal, também é mais que grossa tolice...), mas por isso ser prova de que tomamos em linha de conta, com as devidas cautelas e, pelo menos, mediano bom-senso, os diversos elementos que podem contribuir para uma quasi segura previsão. Em resumo: — os factos vão-nos dando razão — oxalá nunca se dessememem... —, o que é motivo para nos felicitar e, quiçá, felicitar os nossos estimados leitores.

Pois, senhores, o triunfo do Vitória, no domingo transacto, foi um belo triunfo. Valorizou-o sobretudo o próprio adversário, cuja energia e voluntariedade, apêgo à luta, ataque porliado e mais outras excelentes qualidades reveladas, o impuseram como agrupamento merecedor de uma classificação compensadora no campeonato em curso. Sem ofensa de terceiros, julgamos que está ali a segunda melhor equipa do distrito.

Os jogadores vitorianos tiveram uma primeira meia hora fulgurante, em que tudo saiu bem, perfeito, delineando alguns esquemas primorosos, que não envergonhariam, muito antes pelo contrário, engrandeceriam qualquer grupo dos considerados de 1.ª classe. Não há nisto o mínimo exagero, — podem atestá-lo as centenas de assistentes que seguiram com justicadíssimo interesse, sempre, e, por vezes, com não menos justificado entusiasmo, as diversas fases do jogo.

O relato frio, minucioso, minuto a minuto, do encontro, tornar-se-ia fastidioso. A grande maioria dos leitores destas crónicas estiveram, como nós, no Benlhevai; os restantes contentar-se-ão com a breve impressão que o espaço diminuto da gazeta consente que deixemos consignada. E essa impressão, como transparece do que ficou dito, é, senão a melhor possível, muito boa.

Na verdade, ambos os grupos merecem, pela sua actuação, o caloroso cumprimento de quem gosta de ver jogar foot-ball, prazer que está longe de tão vulgar quanto seria necessário.

O Vitória foi superior, especialmente na meia hora a que nos referimos. Neste período de tempo foi, mesmo, marcadamente superior, quer sob o ponto de vista da técnica empregada, quer sob o ponto de vista

do domínio territorial. Aliás, em todo o encontro a sua superioridade veio ao de cima. A segunda parte, embora nela se enfiassem três goals nas redes dos fafenses, foi a que relativamente mais se aproximou do equilíbrio, descontados os 10 minutos finais, em que os da casa quasi voltaram à toa da dos trinta minutos iniciais.

Se os rapazes do Vitória jogarem hoje como jogaram aqueles minutos gloriosos, os simpáticos sportingistas bracarense terão que contar...

Dos rapazes fafenses já dissemos o bastante para se concluir que o seu comportamento foi — como foi — magnífico. Reagiram com denotada valentia em todos os lances e aceitaram, à medida que ela se foi desenhando, a derrota, sem animosidade de maior, salvo uma ou outra dureza a roçar pela condenável violência.

Haveria talvez que fazer algumas observações aos do Vitória, mas atendendo a que hoje é dia grande — e oxalá o seja no mais agradável significado da expressão — põmo-las de parte.

A arbitragem esteve a cargo do sr. Jorge de Vasconcelos, que, verdade se diga, não se portou mal. Teria até averbado um ajustamento 100% digno de louvor, se não fora uma certa fraqueza de energia, impeditiva de, nas ocasiões oportunas, obstar às tais durezas que tantas vezes dão lugar a descaroadas violências.

De todo o exposto deve chegar-se à conclusão de que a jornada, no que respeita à partida entre o Vitória e o Sporting de Fafe, deixou recordação mais que agradável. O que já é muito.

II

Outros jogos. A acção disciplinar da A. F. Braga.

O grupo que vai hoje defrontar suas forças com o Vitória arrancou, em Fafe, um triunfo nítido e, segundo informes seguros, absolutamente merecido, porquanto o adversário, no balanço geral da partida, de modo algum lhe facilitou a partida.

Não se remeteu o F. C. de Fafe à sistemática defesa, usando assim de tática muito diferente da empregada contra o Vitória. Terá, pois, facilitado, por este lado, que se traduzisse em marca respeitável o engêdo dos sportingistas pela baliza; mas, por outro lado, teve mais presença no terreno, sobretudo ao ataque, e por virtude disso também foi senhor de produzir algumas sensações de perigo, das quais uma veio a traduzir praticamente.

O triunfo do Sporting de Braga teve, pois, todo o mérito.

Em Famalicão correram as coisas muito feias. Os locais descambaram, em certa altura, para a violência, o árbitro não soube sê-lo, e o reduzido público aqueceu mais do que o razoável. Resultado: uma jornada desprestigiada e devê-ras lamentável.

Perderam os da casa por 6-2. Acabou o jogo cerca de 20 minutos antes de findo o tempo regulamentar. Do jogo não há história a fazer. Dêle fica somente, nos anais da entidade dirigente, o cadastro dos delinquentes, a quem foram aplicadas justas, sábias e oportunas sanções.

E' assim mesmo. O desporto, nas suas diversas modalidades, carece em absoluto, para se impor como actividade social útil, que os seus dirigentes e os seus praticantes o prestígio, desenvolvendo as suas respectivas actividades com senso, tacto e conhecimento das realidades e das conveniências, os primeiros, com lealdade e correcção, os últimos.

Infelizmente, por vezes, certos dirigentes e certos praticantes procedem de modo a prejudicar perigosamente a causa desportiva. Sempre que tal aconteça, é de desejar que esses procedimentos tenham imediato e exemplar castigo.

Assim aconteceu desta vez. O que se passou em Famalicão foi vergonhoso — e teria, certamente, degenerado em conflito de consequências gravissimas, talvez trágicas, se, entre outras razões, a assistência não fosse diminuta. Isto, claro, a darmos fé às informações que nos foram prestadas e que devem ser, quasi inteiramente, a reprodução dos factos tais como deles tomou conhecimento a Associação, que cumpriu, na emergência, o seu dever. Foi severa, mas justa — e a sua atitude, servindo, pelo menos, de aviso aos incautos, há-de ter, forçosamente, benéficos resultados. Com efeito, daqui em diante, só os inconscientes poderão supor que ficará impune a prática de actos atentórios da dignidade e do bom nome do Desporto.

A acção disciplinar da A. F. Braga, que já noutras circunstâncias se mostrou igualmente severa, mas justa, merece o nosso incondicional aplauso e merece também o de todos os verdadeiros desportistas do distrito.

III

Prognósticos para hoje

A posição dos grupos, no limiar da última jornada da 1.ª volta, sem dúvida a mais importante (basta ser aquela em que se defrontam, em igualdade de pontos, os dois rivais de sempre), é a seguinte:

Clubs	G. a. t.	G. c.
Vitória	18	0
Sporting Braga	20	6
Sporting Fafe	10	10
Gil Vicente	8	11
F. C. Fafe	7	11
F. C. Famalicão	1	24

O que dá como *goal average*, respectivamente, 4,500; 3,333; 1; 0,787; 0,535; 0,041.

A diferença de classe entre os três últimos e os três primeiros resulta evidente da comparação dos números apontados.

A posição dos dois primeiros classificados destaca-se bastante da do terceiro. O poder ofensivo das linhas atacantes dos principais adversários de hoje é semelhante, se atendermos a estes números; o poder defensivo dos mesmos grupos está, porém, des-nivelado, porquanto o Vitória manteve até agora intactas as suas redes, o que coloca a sua defesa na categoria indiscutível da melhor do distrito. Se, porém, atendermos ainda mais ao conhecimento directo das possibilidades dos dois agrupamentos do que ao significado dos números, que, valha a verdade, nem sempre correspondem com exactidão à realidade, devemos concluir, os que não estejamos prejudicados pela paixão clubista, que no encontro de hoje o Vitória é o favorito.

Com efeito, embora não possa esquecer-se a circunstância, muito de ponderar, de o actual campeão jogar fora de casa, certo é que, comparadas as suas possibilidades às do Sporting, a balança pende decididamente em seu favor.

Desde o guarda-redes aos avançados, o confronto é-lhe favorável. Sendo assim — e em nossa consciência assim é — augurar-lhe mais um triunfo

fo é eventar um prognóstico inteiramente legítimo.

Confiamos, pois, em que o Vitória alcançará hoje o seu 5.º triunfo na prova, triunfo que será tanto mais de engrandecer e festejar quanto é certo ser o seu adversário um agrupamento que pratica também bom *association*, com espírito de combate, voluntarismo, enérgico, dispondo de técnica apreciável e tendo também ambições superiores a realizar.

O encontro de Braga ficará registado nas páginas mais brilhantes do historial da disputa da prova máxima do distrito, se todos os jogadores, árbitro, assistência — se comportarem como devem.

Os locais levarão, naturalmente, vantagem na assistência, mas os adeptos que acompanharem os visitantes não-de ser em número suficiente, e suficientemente entusiásticos, para fazerem diminuir ou anular os efeitos daquela vantagem.

Os vimaranenses, em geral, e os desportistas, em especial, vão, uma vez mais, demonstrar a sua dedicação pelo Vitória. Fazendo-o, desempenham-se de uma indeclinável obrigação, porquanto o Vitória, não só pelo seu passado, mas, sobretudo, pela sua actuação brilhante, a todos os títulos, no campeonato decorrente, merece o carinhoso amparo de todos os que desejam e estimam as glórias da nossa Terra.

Fazemos calorosos votos porque o dia de hoje fique assinalado com uma pedra branca nos anais do Vitória e da Associação; nos daquele, com mais um triunfo; nos desta, com uma jornada isenta de quaisquer contrariedades.

Os outros jogos a efectuar hoje são: Sporting de Fafe-Famalicão, em Famalicão, e F. C. de Fafe-Gil Vicente, em Fafe.

O Sporting de Fafe conquistará uma vitória nítida. Escusado será apresentar as razões em que fundamentamos o nosso parecer.

O F. C. de Fafe, apesar de jogar no seu ambiente, tem adversário difícil. A situação de ambos é, como vimos, muito aproximada, melhor a do Gil. Palpita-nos o encontro digno de interesse. E porque nos parece que a luta será equilibrada, não desejamos arriscar prognósticos...

IV

Gralhas

A nossa «Resposta da letra», inserta no último n.º, foi duplamente vítima — da desatenção do tipógrafo que a compôs e da do improvisado revisor. Foi o diabo. E o caso é que o sr. L. F. é capaz de as atribuir a ignorância nossa. Paciência.

Rectificam-se as principais, por serem, na verdade, de arripas os cabê-las.

Assim, escrevemos «frouxas» e safu «probas»; compôs-se a «cena da assistência», e nós tínhamos redigido «cerca da assistência», onde prantamos com «meriticas virtudes», ficou esta coisa estupefaciente: «modificas virtudes»; e, finalmente, outro «porquê», e, finalmente, outro «porquê» que era «pois que». Só isto. Como diria o outro: j que grande claustró!...

V. Ex.ª

Não deve comprar calçado de aga alho — sem ver o enorme sortido da CAMISARIA MARTINS. Nesta Casa encontra V. Ex.ª calçado para todos os preços em modelos lindíssimos. O calçado da CAMISARIA MARTINS é resistente e perfeito. Sapatos em bom tecido com 1/2 salto a 20\$00 escudos. Ditos em bom aga-alho a 8\$00 escudos. Só na Camisaria Martins a Casa das Meias.

Sapatos para agasalho em montanhaque com revirão a 11\$00, só na

(454) SAPATARIA LUSO.

CONHECE AS VANTAGENS QUE LHE PROPORCIONA UM RELÓGIO DESPERTADOR - MEALHEIRO DA MARCA

“IDE,” ?

Atente bem:

Regula-lhe o tempo — Obriga-o a economizar — Desperta-o com absoluta precisão —

Não possui V. Ex.ª um mealheiro «IDE»?

Repare que lhe é indispensável!

Dirija os seus pedido à

RELOJOARIA ALEMÃ

Cargo Miguel Bombarda

COIMBRA

Pode adquiri-lo a prestações semanais, com bónus, pela Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, de Lisboa, apenas pelo preço de Esc. 3\$00. Cada relógio é acompanhado de uma senha de garantia por 3 anos.

— PEÇA INFORMAÇÕES —

Grandes viveiros de videiras americanas, enxertos e barbados

Os maiores do país

Joaquim Gomes de Melo da Mealhada

PLANTAS BEM DESENVOLVIDAS E SELECIONADAS

Depósito em Guimarães:

J. P. de Figueiredo

(450)

PRAÇA DO MERCADO.

Confeitaria do Mercado

Rua de Paio Galvão

Especialidade em doces de todas as qualidades, vinhos finos e brancos engarrafados, licores, etc., etc.

Encarrega-se de serviços para copos d'agua, baptizados, casamentos, etc.

(443)

Interessantes e baratas

São as CAMISAS a 16\$50 e 20\$00 escudos que apresenta a Camisaria Martins e a Loja das Camisas junto ao Café Oriental.

A casa dos MIL, pode talvez originar dúvidas. Porém, se V. Ex.ª visitar a SAPATARIA LUSO, encontra mais de MIL pares de sapatos de agasalho, em todos os gostos e para todos os preços.

(457)